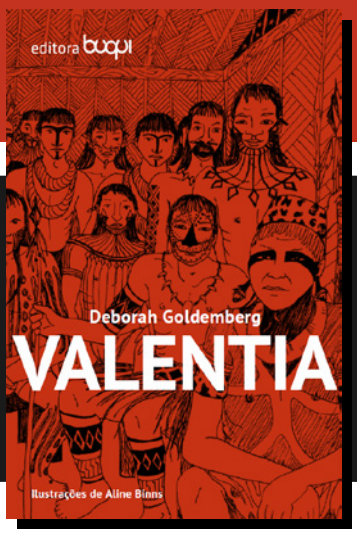


CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Elaboração do material: **Kátia Chiaradia**
Obra: ***Valentia***
Autora: **Deborah Goldemberg**
Ilustradora: **Aline Binns**
Editora: **Buqui**
Etapa: **Ensino Médio**
Categoria: **Populações do campo, das águas e das florestas**

UM CONVITE À MEDIAÇÃO

Cara educadora mediadora, caro educador mediador,

Esta é uma carta de múltiplos reconhecimentos. Em primeiro lugar, reconhecemos a amplitude desse locus *de mediação: professor(a), bibliotecários(as), facilitadores(as) de leitura, contadores(as) de história – múltiplas facetas para o mesmo papel, aquele que personifica o elo entre o mundo do livro e o mundo do leitor. Sabemos que, em tempos de tantas distrações e estímulos imediatos, o ato de ler exige não apenas acesso, mas também encontro — e é nesse espaço entre o texto e o leitor que a figura do mediador se torna essencial e privilegiada. Nosso objetivo com este material é fornecer aparato teórico para que todo(a) educador(a) mediador(a) possa exercer com brilhantismo essa função essencial que representa metonimicamente a diversidade que celebramos.*

Reconhecemos, também, que a mediação literária é, antes de tudo, um gesto de escuta, sensibilidade e generosidade. Por meio dela, o leitor em formação pode descobrir sentidos, desenvolver a fruição literária e, principalmente, perceber-se como sujeito capaz de dialogar com a arte, com o mundo e consigo mesmo. Mediar está além de apresentar livros, é dar a mão – às vezes de forma literal – e conduzir jovens leitores por caminhos ainda inexplorados. Talvez a tarefa mais difícil da mediação literária seja, nesse sentido, sustentar o silêncio necessário à compreensão literária, encontrando um tênue limite entre ocupar e desocupar os espaços que se formam entre o aquele que lê e aquele que é lido (ora pessoa, ora livro).

Em termos teóricos, este material foi pensado como instrumento para possibilitar leituras plurissignificativas, amplas, mas sempre articuladas à materialidade do texto literário, isto é, respeitando a soberania da obra. Sem desconsiderar as condições de produção do livro em questão, buscamos garantir, em cada atividade, que o texto mantenha sua autonomia e possa ser subjetivamente apropriado por leitores(as) da etapa do ***Ensino Médio****, já providos de recursos críticos para sua compreensão.*

A obra que motiva este convite é potente, complexa e ainda muito atual: ***Valentia****, de Deborah Goldemberg. A autora nos propõe aceitar o desafio de atravessar a história pela voz dos que nunca a escreveram – como os rebeldes cabanos. Com uma linguagem que tensiona o tempo linear e desafia a lógica do testemunho clássico, o livro se constrói por meio de monólogos, confissões e memórias desfiadas à beira da morte, compondo uma narrativa em que o passado ainda sangra no presente.*

Goldemberg constrói, neste romance, um território em que a memória não é arquivo, mas rio: correnteza viva, feita de corpos, afetos e insurgências. Ambientada no contexto da Cabanagem, uma revolta popular violentamente apagada da narrativa oficial brasileira, a obra aposta na polifonia de vozes indígenas, ribeirinhas, caboclas e mestiças, compostas por sonho e luta. Nesse sentido, a força do livro reside justamente em devolver humanidade a personagens anônimos, fragmentados, contraditórios e, por isso mesmo, profundamente verossímeis, profundamente humanos. É também por isso que o inscrevemos na ***Categoria 5 do Edital Equidade: Populações do campo, das águas e das florestas****.*

A elaboração deste material foi pautada, ainda, no reconhecimento de que um aluno no Ensino Médio vivencia a transição para a vida adulta, o que implica um processo de autoconhecimento intenso, o qual, cremos, só acontecerá de maneira efetiva se acompanhado pelo reconhecimento da alteridade – de que tanto fala a obra. Assim, propor Valentia *para o Ensino Médio é propor aos estudantes mais do que uma leitura: é convidá-los a reconhecer as disputas que atravessam a escrita da história e a perceber como a literatura pode tensionar silêncios e produzir novas possibilidades de existência. Em uma formação que almeja a construção de leitores fruidores críticos, como prevê a BNCC, esse tipo de experiência é insubstituível, pois se trata de aprender não apenas a ler o que está dito, mas a escutar o que foi silenciado.*

Mediar a leitura de Valentia *exige sensibilidade para perceber suas camadas: a dimensão afetiva da resistência; a desnaturalização da violência colonial; a reconstrução simbólica dos laços comunitários. E a mediação em si exige também reconhecer que o(a) estudante traz consigo repertórios e experiências que podem ressoar com a obra, transformando o ato de ler em uma travessia de reelaboração identitária. Por fim, ao pensar na criação deste material e na sua apropriação por parte dos(as) mediadores(as) que nele encontrarão um ponto de diálogo, lembramo-nos de uma das mais doces passagens d'*O livro dos abraços *(2016, p. 15), de Eduardo Galeano, no breve texto intitulado "Função da Arte/1":*

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
— Me ajuda a olhar!

Para nós, é certo que todo(a) mediador(a) tem em suas mãos um mar imenso a ser oferecido a um jovem leitor, e é a ele que se recorre para conseguir olhar. Ao conduzir a leitura de Valentia, *convidamos você, educadora mediadora, educador mediador, a acolhê-la como um território fértil de resistência, uma memória insurgente, um sopro de vida onde muitos prefeririam registrar apenas a morte. Que essa valentia o(a) habite e o(a) mova em seu contexto de mediação – seja ele qual for.*

Boa(s) leitura(s)!
Kátia Chiaradia[*]

SOBRE A OBRA E A AUTORIA

Valentia, de Deborah Goldemberg, é um romance histórico polifônico ambientado na Amazônia do século XIX. A narrativa reconstitui, por meio de múltiplas vozes, o cotidiano da revolta popular que reuniu indígenas, negros e mestiços contra a exploração política e econômica. Não se trata, contudo, de uma reconstrução histórica convencional: o romance fragmenta o tempo, entrelaça o real e o imaginário e funde o lirismo das memórias à crueza da luta armada. Através de monólogos pungentes e da evocação de experiências coletivas, *Valentia* questiona a exclusão dos sujeitos subalternizados da escrita oficial da história brasileira.

Produzido em um contexto contemporâneo de urgências políticas e de reivindicações por memória e justiça social, o romance se destaca como uma obra essencial para a formação de leitores críticos no Ensino Médio, uma vez que sua escolha se articula com a valorização das literaturas de resistência, recomendadas pelos documentos curriculares, e com o compromisso ético de afirmar existências historicamente silenciadas. Vale destacar que a obra foi escrita a partir de um convite do Frei Florêncio Vaz — franciscano, antropólogo e indígena — e teve origem na Caravana da Memória Cabana, uma viagem de barco pela região da Cabanagem, da qual participaram a autora, como também a ilustradora Aline Binns, o cineasta Cris Burlan e outros artistas. Essa experiência de escuta com comunidades ribeirinhas e indígenas inspira não apenas os depoimentos — ainda que ficcionalizados — presentes no livro, mas também a linguagem marcada pela oralidade amazônica e a estética das ilustrações, fortemente conectadas ao território.

Nos tópicos a seguir, aprofundaremos os aspectos formais e temáticos da obra, além de destacar a relevância de sua recepção em projetos de educação.

A autoria

Deborah Goldemberg nasceu em São Paulo, em 1975. Escritora, antropóloga e curadora de eventos voltados à literatura indígena, formou-se pela London School of Economics, onde também concluiu o mestrado em Estudos de Desenvolvimento. Como curadora, atua na área de poéticas indígenas em instituições como a Casa Mário de Andrade, Casa das Rosas, Oficina Cultural Oswald de Andrade e unidades do SESC. Deborah atua em projetos sociais no Norte e Nordeste do Brasil, e é dessa escuta atenta às margens que sua ficção se enraíza. *Valentia*, seu terceiro romance, foi publicado pela primeira vez em 2012 e foi finalista do Prêmio Jabuti. Suas outras obras percorrem a poesia e a dramaturgia para o público jovem.

A ilustração e seus recursos visuais

Aline Binns de Souza Oliveira nasceu em 1981, em Santo André, e vive atualmente em São Paulo. Poeta, escritora e desenhista, Aline desenvolve uma produção que transita entre palavra e imagem. Sua prática artística tem forte vínculo com o fazer manual — costura, pintura, construção de objetos — e com a cultura popular brasileira, viva e pulsante nas ruas, nos encontros e nos rituais coletivos. Participa ativamente de saraus e projetos como Não Funciona, C.A.I.M.A.L. e Terra Vermelha. Publicou os livros *Primeiro Voo*, *Cigarros Poéticos*, *Salto*, *Selva* e ilustrou obras como *Delitos e Deleites*, de Giovani Baffô.

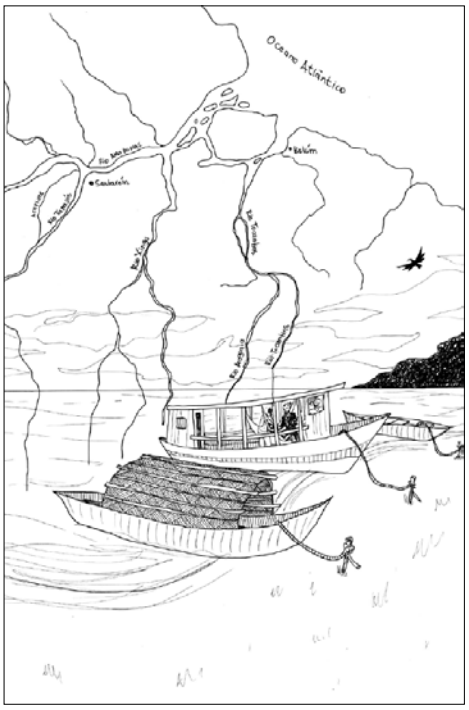
As ilustrações de *Valentia* não acompanham o texto como simples adornos, tampouco funcionam como meras legendas visuais. Elas atuam como camadas de leitura, capazes de expandir a experiência narrativa ao evocar atmosferas, deslocamentos e subjetividades que, muitas vezes, estão apenas insinuadas na linguagem verbal. O traço de Aline Binns, delicado e sinuoso, conjuga cartografia, corporeidade e paisagem para dar forma àquilo que no texto de Goldemberg é desmemória e fragmento.

---

* É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.

Nesse sentido, na ilustração da p. 28 de *Valentia*, reproduzida aqui, vemos um mapa visual da Amazônia, evidenciando as rotas dos rios e cidades relevantes à narrativa, como Belém, Santarém e Salvaterra. Mas esse mapa é também uma cena em suspensão: embarcações ancoradas sugerem pausa e vigilância. A ausência de cores realça a fluidez das margens, os traços líquidos da paisagem, como se tudo ali estivesse prestes a se mover. Os rios e seus afluentes, vistos de longe, também se assemelham a cacos, representando uma realidade prestes a se desfazer. Nesse sentido, ao unir o mapa à ilustração, cria-se uma memória encarnada, em que os rios, as aldeias e os portos não são abstrações geográficas, mas espaços narrativos, vivos de história, onde personagens transitam, desaparecem e reaparecem, e isso é essencial quando olhamos para o contexto da obra. A estética minimalista, quase etérea, distancia-se do realismo fotográfico e aproxima-se de uma visualidade poética, que mobiliza a imaginação. Ao apagar fronteiras fixas entre o passado e o presente, essa linguagem visual propõe uma nova forma de olhar.

Divulgação





Nas ilustrações das páginas 28 e 80, o percurso pelos rios amazônicos e a travessia noturna em canoa conjugam corporeidade, paisagem, memória e desmemória.

Já a segunda ilustração que trazemos para a discussão, presente na p. 80 do livro, desloca a atenção para a dimensão simbólica do feminino e da natureza. Vemos uma mulher – que pode ser Valentina, mas que também pode ser tantas outras – navegando sozinha em uma pequena canoa. Seus cabelos se esvoaçam ao vento e a fumaça que escapa de sua boca se funde às nuvens. O céu, desenhado com espirais e manchas, parece em chamas. O contraste entre o interior da canoa e o ambiente ao redor cria uma sensação de suspensão: a personagem está em trânsito, mas também está entre mundos, entre o vivido e o narrado, entre o trauma e a resistência. O estilo de Binns recusa a clareza realista. Não há contornos rígidos nem soluções gráficas que simplifiquem o sentido. Em vez disso, há espaço para o enigma e para a multiplicidade, com traços que se tornam quase psicodélicos. As ilustrações não traduzem a história: elas a evocam. Convidam o leitor a enxergar com estranhamento e a reconhecer, nas entrelinhas, os vestígios do que a linguagem verbal não pode dizer sozinha.

Ao optar por essa estética de suspensão, Aline Binns dialoga diretamente com o próprio projeto literário de *Valentia*, que é, em essência, um romance de reescutas. O que se lê e o que se vê, portanto, não são camadas separadas, mas dimensões interdependentes de uma mesma experiência – uma experiência que convida a reconstruir a história não como uma linha reta, mas como um rio insurgente.

VALENTIA: SEU TEMA, SUA FORMA E SEU GÊNERO

Ao narrar a Revolta da Cabanagem, um dos movimentos mais violentos e menos reconhecidos da história brasileira, por meio de vozes fragmentadas, anônimas e não oficiais, *Valentia* assume um duplo gesto: de um lado, resgata um acontecimento historicamente silenciado; de outro, simultaneamente, questiona a própria ideia da história como verdade única e inquestionável. Nesse sentido, a escolha desse evento como núcleo narrativo é uma intervenção crítica nos modos como o Brasil se pensa enquanto nação.

É nesse movimento de desestabilização – tanto da história oficial quanto da forma tradicional do romance histórico – que *Valentia* se inscreve como uma obra fundamental do novo romance histórico brasileiro. A Cabanagem, aqui, não é contada por generais, governadores ou cronistas imperiais, mas por indígenas, mulheres, ribeirinhos, mestiços, crianças e fantasmas. Trata-se de uma narrativa que se faz a partir das bordas, das margens, das margens das margens, alinhando-se ao que se convencionou chamar de literatura marginal. Assim, por isso mesmo, a obra encontra plena justificativa para integrar a **Categoria 5 do PNLD Literário Equidade: Populações do campo, das águas e das florestas**. O livro contempla com força todos os critérios estabelecidos por essa categoria: representação cultural de comunidades amazônicas, afirmação de modos de vida coletivos e tradicionais, tematização da oralidade, da ancestralidade e da relação com a terra, valorização da diversidade linguística e ruptura com estereótipos simplificadores dessas populações. Ao mesmo tempo, *Valentia* não folcloriza seus personagens: eles não estão congelados no passado, mas em movimento de travessia.

A personagem Valentina é central nesse processo. Mulher de múltiplas identidades, ela é força e contradição, uma vez que não se encaixa em um molde de heroína idealizada; ao contrário, encarna as ambiguidades de quem luta e se transforma. Desafia os papéis de gênero impostos pela época (e talvez até hoje) e, ao mesmo tempo, assume o papel de guardiã da memória, funcionando como ponte entre tempos e vozes. A construção de personagens femininas como Valentina conecta o romance a uma tradição literária de resistência, como também a práticas históricas concretas de transmissão cultural entre mulheres inseridas nas populações do campo, das águas e das florestas.

Valentia é um romance histórico polifônico. Sérgio Costa (2014) defende que o romance é um gênero que se caracteriza por sua maleabilidade formal e por sua capacidade de abarcar múltiplas vozes, experiências e temporalidades. É o espaço por excelência da narrativa longa, em prosa, que foca na complexidade das personagens e na construção de um mundo ficcional autônomo, ainda que em diálogo constante com a realidade. Sob essa perspectiva, *Valentia* se afirma como romance pela densidade de suas tramas humanas, pela extensão do tempo narrado, pela multiplicidade de focos narrativos e, sobretudo, por seu compromisso com o retrato sensível de subjetividades em conflito. Mas é também, e fundamentalmente, um romance histórico, não apenas por se ambientar no passado, mas por tratar a história como um problema de linguagem, memória e conflito de poder.

A Revolta da Cabanagem, episódio central da narrativa, não é representada como uma sucessão de fatos lineares, mas como um campo de disputa simbólica, em que o leitor fruidor dificilmente lerá o livro e não questionará quem tem direito de narrar a história e o que foi esquecido com o silenciamento de determinadas vozes ao longo da história humana. Ou, mais precisamente, ao longo das histórias humanas – plurais, com visões diversas de vários indivíduos –, algumas certamente mais ouvidas do que outras. É nesse gesto de ficcionalizar a memória coletiva que a obra se aproxima do que Sarah Lucena (2018) denomina "novo romance histórico": um gênero que emerge com força no Brasil a partir dos anos 1980, caracterizado pela revisão de eventos históricos sob a perspectiva dos excluídos, pela ruptura com a linearidade cronológica e pela dúvida como motor narrativo.

Por fim, o termo "polifônico" também deve ser compreendido em toda a sua complexidade. Não se trata apenas de ter múltiplos narradores, embora isso ocorra – em *Valentia* há capítulos narrados por Samaúma, por crianças, mulheres e descendentes. A polifonia vai além da multiplicidade de vozes: abrange também a estrutura do romance, rompe com a linearidade temporal, desmonta o efeito de continuidade da história, questiona a estabilidade do narrador e tensiona a própria ideia de verdade. O passado e o presente se entrelaçam como tempos simultâneos. A Cabanagem de 1835 se refaz na voz dos personagens de 2010. A floresta permanece ferida. O rio continua correndo. E as palavras dos mortos seguem assombrando os vivos.

Esse entrelaçamento de tempos e vozes mobiliza uma estrutura literária sofisticada e um projeto de descolonizar a narrativa. Nesse sentido, Lucena (2018) defende que *Valentia* se alinha à tradição do novo romance histórico brasileiro justamente por recusar a centralidade do herói e do historiador e por fazer da ficção um espaço de insurgência epistemológica. A autora se vale de estratégias como a alternância de narradores, o uso de registros de oralidade, a fragmentação da narrativa e a dissolução de fronteiras entre gêneros textuais, com trechos que se aproximam de cartas, confissões, relatos, diários.

Não se trata apenas de contar a história da Cabanagem, mas de reimaginar o modo como o Brasil conta a si mesmo. Nesse sentido, a relação entre *Valentia* e a categoria 5 do PNLD Literário Equidade se adensa. A valorização das vozes amazônicas não ocorre de maneira decorativa ou circunstancial: está na tessitura da linguagem. Está nos silêncios que o texto carrega. Está nas marcas de uma fala que foi historicamente calada e que aqui encontra espaço para ecoar. O leitor é convidado a escutar um texto que exige sensibilidade para absorver os saberes invisibilizados que o romance insiste em recordar. Ainda a respeito da forma que alimenta o caráter polifônico da obra, a dimensão oral – muito presente na construção do romance – não apenas confere verossimilhança aos relatos, como também recupera formas de transmissão de conhecimento que desafiam a hegemonia do texto escrito tradicional e formal. Assim, *Valentia* revaloriza práticas culturais que têm sido sistematicamente deslegitimadas pelos modelos escolares e acadêmicos de construção do saber. Ao fazer isso dentro de um romance literário, a autora tensiona o próprio campo literário, expandindo o que pode ser considerado legítimo dentro da tradição do romance histórico.

Em suma, ao trazer para o centro da narrativa indígenas, ribeirinhos, mulheres, mestiços, sujeitos subalternizados, órfãos da história oficial, *Valentia* se insurge contra o modelo clássico do romance histórico oitocentista, no qual a história servia como pano de fundo para o enaltecimento de figuras centrais e coesas. Aqui, não há um protagonista único, nem uma narrativa hegemônica, tampouco uma verdade histórica cristalizada. O que se constrói é um campo polifônico, em que cada voz tem valor próprio e em que a história se dá menos como lição e mais como escavação, como tentativa de reconstituir, pelas frestas da ficção, aquilo que os arquivos não registraram. Por isso, nesse romance, o gênero e a forma são indissociáveis: o modo como o livro é escrito dialoga e expressa diretamente aquilo que ele retrata.

"Indo além": chaves de leitura, contextos de recepção e temas fraturantes

Em sua mais recente obra publicada no Brasil, *Biblioteca na escola*, Silvia Castrillón (2024), uma das mais renomadas vozes ibero-americanas nas pesquisas sobre mediação de leitura literária, afirma que a mediação realizada principalmente por professores e bibliotecários deve ser "essencialmente uma prática de intervenção social" (p. 87). Ela ainda critica projetos sociais que "reduzem a ampla dimensão da cultura escrita ao uso instrumental da leitura e da escrita" e defende que, ao contrário de tal projeto, a mediação de leitura deve sempre "ir além", promovendo e expandindo "o acesso das pessoas à cultura escrita, ajudando-as a questionar as ordens simbólicas que limitam suas experiências consigo mesmas, com os outros e com o mundo" (Castrillón, 2024, p. 87-88).

Nesse sentido, inspirados por Castrillón, convidamos você, mediadora, mediador, a pavimentar conosco o caminho que permitirá a seus estudantes e estudiosos a "ir além". Para tanto, vamos nos aprofundar em algumas **chaves de leitura** que consideram o **contexto de recepção**, e podem, para muitos, ser temas dolorosos e **fraturantes**.

O que foi a Cabanagem?

A leitura de *Valentia* exige, como ponto de partida, que se compreenda a Cabanagem não como uma nota de rodapé da história do Brasil, mas como uma das revoltas mais sangrentas e significativas da nossa formação social. O movimento ocorreu entre 1835 e 1840, na então Província do Grão-Pará, território que hoje corresponde à parte do Norte brasileiro, e foi protagonizado por indígenas, negros, mestiços, lavradores, soldados pobres, artesãos, comerciantes locais e mulheres. Sua origem remonta à profunda desigualdade social, ao autoritarismo dos governantes regenciais e à exclusão política das camadas populares. Mais de trinta mil pessoas foram mortas. Ainda assim, foi sistematicamente silenciado na narrativa oficial da história nacional. E, ao contrário de outras revoltas provinciais, na Cabanagem, representantes das camadas populares chegaram efetivamente ao poder, ainda que por um tempo limitado. No entanto, essa experiência foi esmagada com brutalidade pelas tropas imperiais e os nomes de seus líderes, como Eduardo Angelim, Félix Malcher e Francisco Vinagre, quase desapareceram dos livros escolares. Não é à toa que a própria existência da Cabanagem ainda surpreenda tantos estudantes. Seu apagamento histórico é parte de um projeto de exclusão simbólica que se perpetua até hoje.

Ao narrar a revolta pelos olhos de sujeitos comuns – mulheres, filhos, mestiços, soldados sem nome –, o romance nos convida a enxergar a Cabanagem como uma ferida ainda aberta, que atravessa o presente brasileiro em forma de desigualdade, racismo estrutural, apagamento cultural e violência de Estado. O romance identifica justamente essa perpetuação da exclusão simbólica e as diferentes facetas que esse mesmo processo contempla na sociedade contemporânea. Para estudantes do Ensino Médio, especialmente os que vêm de territórios populares, indígenas, quilombolas ou ribeirinhos, ou até mesmo para os que fazem parte de uma camada marginalizada da população, essa escuta, embora **fraturante**, pode ser profundamente **mobilizadora**. Muitos reconhecerão, nas ausências que *Valentia* narra, uma semelhança com as ausências que enfrentam em seus próprios contextos. Por isso, a mediação da leitura exige cuidado e também coragem para ouvir o que dói, para perguntar por que isso não foi ensinado antes e para transformar o incômodo em desejo de reescrever a história e, sobretudo, sair mais forte depois da leitura.

A violência por trás do silenciamento

Um tema fraturante que, sem sombra de dúvidas, atravessa *Valentia*, é o silenciamento em suas múltiplas camadas: étnico, feminino, institucional, entre outros. Samaúma, narrador de parte do romance, carrega em si essa fratura: filho de um indígena e de uma mulher branca, ele vive entre mundos, sem lugar fixo, sem linguagem que o nomeie completamente. Valentina, por sua vez, renomeou-se como forma de sobreviver, resistir e agir dentro de um contexto que a exclui. Nesse sentido, é visível que esses silenciamentos são formais, uma vez que os relatos fragmentados, as vozes que falam sem nome, os testemunhos que se contradizem, as cartas que não chegam compõem um projeto literário que expõe a ferida do apagamento. Para os leitores, esse recurso pode despertar experiências de exclusão que já enfrentaram: falta de escuta institucional, invisibilidade social, sentimento de não pertencimento. Ao mesmo tempo, eles podem encontrar no romance um espaço legítimo para suas próprias vozes. A mediação, nesse contexto, é a chave. Sem ela, há o risco de que os estudantes apenas percebam o peso da exclusão, mas não reconheçam seu direito à palavra. Com ela, *Valentia* pode ser um ponto de partida para dizer o indizível, reconstruir laços de pertencimento e reabrir os arquivos da memória coletiva. Afinal, um dos muitos papéis que a literatura exerce não é proteger os leitores da dor, mas convidá-los a transformá-la em consciência e gesto crítico.

A possibilidade de exposição do corpo como tema fraturante

Em *Valentia*, o sexo aparece de forma crua, direta e, muitas vezes, com uma descrição que chega a ser violenta. Longe de qualquer idealização romântica, a obra apresenta cenas de sexo marcadas pela urgência, pelo descontrole e pela aspereza, espelhando o ambiente de tensão, brutalidade e instabilidade que atravessa os personagens e o contexto histórico da Revolta da Cabanagem. Essas passagens, de forte teor explícito, podem gerar desconforto nos leitores, especialmente porque a agressividade dos atos sexuais contrasta com outras expectativas mais comuns no tratamento da sexualidade em textos escolares. No entanto, a escolha de Deborah Goldemberg de representar o sexo de maneira áspera não é gratuita: ela integra a lógica interna da narrativa, na qual os personagens vivem em um mundo em fratura — social, histórica, afetiva —, e suas relações corporais refletem essa condição. O sexo, assim como a guerra e a migração, é atravessado pela precariedade, pela raiva, pelo medo e pelo desejo de sobrevivência.

É importante, na mediação de leitura, reconhecer que essa representação da sexualidade e do sexo pode causar incômodo, especialmente entre estudantes que estão em processo de formação crítica de sua identidade afetiva e sexual. Mais do que evitar o tema, a mediação pode ser um espaço para discutir como a literatura lida com o corpo e o desejo em diferentes contextos históricos e simbólicos, e como as manifestações do desejo podem refletir, tensionar ou mesmo denunciar estados de violência social e emocional. A leitura de *Valentia*, nesse sentido, se aproxima daquilo que Cintia Maria Negrini (2020) define como prática de leitura "empenhada", que não se limita a consumir o texto, mas que exige posicionamento, análise e elaboração afetiva por parte do leitor. Caminhar com essas cenas é também ensinar os estudantes a lidar com temas que desafiam o olhar fácil, a construir camadas de interpretação e a reconhecer o contexto que dá sentido à experiência narrada. Sobretudo, numa leitura profunda e de qualidade, é fundamental reconhecer que o peso da obra vai muito além do retrato do sexo nela representado.

A IMPORTÂNCIA DE LER E MEDIAR LITERATURA

Não se forma um leitor literário unicamente a partir da leitura do texto literário. O debate sobre temas sociais relevantes para a realidade do leitor, por exemplo, também é importante – o que nos leva a uma compreensão: talvez leiamos literatura para estabelecer conexões conosco, com o texto e com outros leitores. Esse processo é uma intervenção social que possibilita aos leitores questionar as ordens simbólicas que moldam suas experiências e compreender diferentes perspectivas sobre o mundo.

Considerando que o desafio da educação literária está em identificar, em cada obra, o que ela guarda e o que ela revela de **humano**, e reconhecendo que o confronto com a literatura enriquece nossa presença no mundo, manifesta-se um novo questionamento: como confrontar obras? Como identificar e acessar suas diferentes camadas? A resposta é simples, embora a ação seja complexa: mediando e "indo além", como propõe Silvia Castrillón (2024, p. 86).

Mediar é ajudar as pessoas a irem além do que se vê ou se pensa de forma rápida e automática. É sair daquela visão de mundo que parece pronta e que a gente repete no dia a dia — muitas vezes influenciada pelo que escutamos na TV, na escola ou nas redes — para desenvolver um olhar mais profundo e questionador sobre a realidade. É trocar o pensamento **imediato** por um pensamento mediato, que reflete, pergunta e busca entender melhor o que está por trás das aparências.

☞ Pensamento mediato é aquele que vai além da primeira impressão. Em vez de aceitar o que vê ou ouve de forma automática, ele busca compreender com mais profundidade, refletindo sobre as causas, os contextos e as consequências. É um tipo de pensamento que questiona, que duvida, que não se satisfaz com respostas prontas. Enquanto o pensamento imediato é rápido e impulsivo, ligado ao que está mais perto dos nossos sentidos ou do que estamos acostumados a ouvir, o pensamento mediato é mais cuidadoso, construído aos poucos, e exige escuta, tempo e atenção. Ele ajuda a enxergar além das aparências e a desenvolver uma visão crítica sobre o mundo.

A arte, e especialmente a literatura, pode ser uma grande aliada nesse processo. Quando lemos, temos a chance de nos colocar no lugar do outro, de imaginar situações diferentes, de pensar sobre a vida, sobre o que é ser humano e sobre os conflitos e desigualdades que fazem parte do mundo. A leitura permite sair do que é só "fato do dia a dia" e abre espaço para refletir sobre coisas mais profundas — como o que sentimos, o que desejamos e que tipo de mundo queremos construir.

PENSAMENTO IMEDIATO
O que se vê de forma rápida

⟵ ⟶

PENSAMENTO MEDIATO
O que se vê de forma profunda



A mediação busca superar o pensamento imediato e desenvolver uma visão crítica da realidade

A leitura e a literatura permitem:

- Ir além do factual
- Refletir sobre a vida e a condição humana
- Exercitar a empatia

Mediar a literatura não é apenas estimular o contato do leitor com textos literários, é também promover um processo de apropriação crítica da cultura escrita. A mediação da leitura é um ato intencional, que envolve escolhas conscientes sobre quais livros apresentar e sobre como conduzir a interação dos leitores com eles. Não se trata apenas de garantir acesso à literatura, mas de possibilitar que os leitores desenvolvam autonomia interpretativa e criem relações significativas com os textos. Nesse contexto, a leitura não é um ato isolado, mas uma prática **dialógica** e **humanizadora**, de muitos sujeitos e cenários, cujo objetivo é favorecer aos leitores a progressiva aquisição de sua *maneira* de ler.

☞ A mediação de leitura acontece sempre no campo da cultura escrita e não deve ser confundida com outros processos de relacionamento literário, como a contação de história, por mais importância que tenham em alguns contextos.

O(A) mediador(a) – seja um professor, bibliotecário ou qualquer outro agente cultural – tem o papel de **ampliar as possibilidades de leitura**, contextualizando as obras e incentivando reflexões críticas, respeitando a diversidade dos leitores e suas experiências de vida, incluindo a sua própria (Castrillón, 2024, p. 96; Munita, 2024, p. 93).

Por que ler e mediar literatura na sala de aula e nas bibliotecas escolares?

A escola tem um papel fundamental na introdução dos alunos à cultura escrita e, portanto, na construção de sua identidade – inclusive leitora. Por isso, fala-se, já há algum tempo, sobre a importância de que a **mediação literária no ambiente escolar** supere o ensino instrumental da leitura, de modo que a atividade de ler não seja rotulada como uma "obrigação curricular", seja da sala de aula, seja da biblioteca escolar. Ainda que, de fato, a literatura componha um currículo de finalidade escolar, ou seja, com objetivos de aprendizagem para os estudantes, ela deve ser entendida como um **espaço consistente, contínuo e seguro de reflexão**, no qual os estudantes possam desenvolver pensamento crítico **e ampliar sua compreensão do mundo e de si**. Por isso, a mediação na escola deve considerar a diversidade de repertórios e experiências dos alunos como seres integrais, mas também como estudantes em curso.

O ensino de literatura nas escolas tem passado por importantes mudanças, com o objetivo de equilibrar dois aspectos fundamentais: a compreensão dos textos e o prazer de ler. Em vez de focar apenas no conteúdo técnico ou na leitura como entretenimento, busca-se integrar essas dimensões, oferecendo tanto leituras orientadas quanto momentos de escolha livre. Essa abordagem indica que a leitura pode ser, ao mesmo tempo, uma atividade crítica e uma experiência pessoal e envolvente.

Mais do que identificar autores ou recursos estilísticos, o foco está em ensinar uma maneira de ler que permita ao estudante se conectar com os textos e construir sentidos próprios. Essa forma de leitura combina emoção e pensamento, e prepara os alunos para enfrentar obras mais complexas com autonomia e sensibilidade. Ao longo desse processo, a escola desempenha um papel essencial na formação de leitores capazes de interpretar e dialogar com diferentes tipos de textos.

Ao terminar o Ensino Médio, espera-se que os estudantes não apenas tenham lido muitos livros, mas que se reconheçam como leitores — pessoas que se envolvem com a literatura, que a relacionam com suas próprias vivências e que a usam para entender melhor a si mesmos e o mundo ao redor. Também se espera que consigam ler diferentes tipos de obras, fazer conexões entre elas e com outras formas de arte ou cultura. Isso amplia a forma como eles aproveitam e participam da vida cultural. Além disso, é importante que saibam fazer perguntas sobre o que leem, dividir suas impressões com outras pessoas e desenvolver interpretações mais profundas, usando ferramentas que ajudam a entender melhor os textos e seus contextos.

Esses objetivos vêm sendo construídos ao longo de décadas de estudos sobre educação literária. Hoje, há um entendimento de que aprender a ler literatura não deve ser dividido entre "leitura com prazer" na infância e "leitura crítica" na juventude. Ao invés disso, o ideal é que o aprendizado aconteça de forma contínua, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com espaço tanto para o encantamento quanto para a análise. Assim, a educação literária se apoia em dois eixos principais: apoiar os alunos a avançarem aos poucos no modo como leem e interpretam os textos; e trabalhar a relação entre o leitor, a obra e o contexto escolar. A meta, portanto, é formar leitores cada vez mais sensíveis, criativos e reflexivos, em todas as etapas da escola.

Essa formação precisa ser pensada como um processo que se estende ao longo da vida escolar, não como etapas separadas. O primeiro passo é ajudar os alunos a sentirem que a literatura os envolve e dialoga com suas experiências. Em seguida, é preciso desenvolver habilidades com prática constante, alternando momentos de mediação e leitura autônoma.

É importante também ampliar o repertório literário e o vocabulário específico, permitindo diferentes formas de fruição — desde a identificação com personagens até a percepção de jogos de linguagem mais sutis. A leitura literária vai além do sentido literal, explorando símbolos e significados mais profundos. Mesmo que o contexto histórico das obras não seja o foco, ele pode enriquecer a compreensão. Igualmente em relação a recursos estilísticos do texto. Nesse sentido, convém demarcar que não há problema, quando, em contexto escolar, uma professora ou um professor propõe uma atividade sobre contexto histórico ou sobre "gramática", ou ainda sobre aspectos temáticos. O problema está em se fazer apenas análise histórica, ou gramatical, ou temática, afinal, todo texto literário se compõe a partir dessas três instâncias.

Formar leitores, portanto, envolve mais do que ensinar sobre livros. É necessário que a mediação escolar proponha experiências que combinem envolvimento pessoal, trocas com outros leitores e reconhecimento dos diálogos entre as obras. Essas três dimensões — leitor e texto, leitor e leitores, texto e outros textos — formam a base de uma leitura significativa e crítica. Dessa maneira, cabe ao(à) educador(a) mediador(a) sempre considerar que o contato direto com o texto deve permitir respostas pessoais e leituras subjetivas, mas também oferecer apoio para que o leitor questione e reflita.

Por fim, para que a escola garanta que a **mediação literária** seja um processo contínuo – no qual os estudantes tenham liberdade e segurança para se expressar, interpretar e questionar os textos, em diferentes ocasiões (porque a aprendizagem nunca é homogênea e regular) – é fundamental a **integração** entre a sala de aula e a biblioteca escolar. Com frequência, esses espaços são tratados como instâncias separadas, o que fragmenta o processo de formação leitora. Para que a mediação na escola seja efetiva, é necessário implementar um trabalho colaborativo entre professores e bibliotecários, articulando práticas que unam os aspectos técnicos da formação leitora, majoritariamente definidos no espaço da aula, com a construção contínua da autonomia na construção de sentidos, uma competência que não tem hora nem lugar, mas que é favorecida por espaços intencionalmente organizados para isso, como as bibliotecas (Castrillón, 2024).

E por que ler e mediar literatura nas bibliotecas públicas e comunitárias?

É indiscutível que as bibliotecas públicas e comunitárias desempenham um papel essencial na **democratização do acesso à literatura** e no fortalecimento da leitura como prática cultural. Elas são espaços dinâmicos, nos quais a leitura é frequentemente vivenciada de forma compartilhada e transformadora. Diferentemente da escola, onde a leitura pode estar atrelada a objetivos curriculares, as bibliotecas públicas e comunitárias oferecem um espaço de descoberta mais livre, no qual leitores e mediadores podem explorar diferentes temas, gêneros e autores, muitas vezes sem nem mesmo conhecer esses termos, guiados por seus próprios interesses e necessidades pessoais e subjetivas.

É importante notar, contudo, que, quando falamos de **mediação de leitura nas bibliotecas públicas e comunitárias**, não estamos pensando nela só como uma ponte entre o livro e o leitor, algo neutro e direto, por assim dizer. Acreditamos que a mediação também envolve conflitos, diferenças e desafios — afinal, o simples acesso ao livro ou à informação não garante, por si só, que as pessoas compreenderão melhor o mundo ou se sentirão mais preparadas para agir nele. Isso ocorre porque práticas como ler, escrever e frequentar bibliotecas são influenciadas pela história, pela cultura e pelas desigualdades da nossa sociedade. Nem todos têm as mesmas oportunidades, e isso faz com que algumas pessoas fiquem mais distantes de certas formas de conhecimento, de expressão e de participação.

Por isso, é importante que mediadores de leitura entendam que seu trabalho acontece dentro dessa realidade desigual. A leitura e a informação não são neutras — elas fazem parte de um mundo cheio de disputas e contradições. Nosso papel, então, é ajudar a revelar essas desigualdades, enfrentá-las no dia a dia e contribuir, com nossos projetos e ações, para transformar essa realidade e aproximar mais pessoas da leitura e da cultura.

Um dos pontos mais importantes para que as bibliotecas públicas e comunitárias se tornem, de fato, espaços transformadores é que os bibliotecários voltem a exercer um papel mais ativo e questionador — o de "intelectuais orgânicos", que atuam dentro das realidades de suas comunidades e que buscam mudanças concretas. Mais do que organizadores de livros e acervos ou mediadores neutros, esses profissionais podem se posicionar como pessoas que levantam questões difíceis, desafiam ideias prontas e dão voz a quem costuma ser ignorado na sociedade. Nesse sentido, o papel do bibliotecário vai além de facilitar o acesso à informação: ele pode tornar-se um agente de transformação social, ajudando a construir um mundo mais justo e consciente.

☞ Os intelectuais orgânicos são aqueles que emergem diretamente das classes trabalhadoras e desempenham um papel ativo nesse meio, contribuindo para a construção de um novo paradigma cultural e político. Eles estão profundamente ligados às lutas e necessidades de sua classe de origem, atuando como articuladores entre a base social e as estruturas de poder, inclusive intelectual, na formação de uma consciência crítica que supere o senso comum. Para uma leitura mais aprofundada, recomenda-se consultar o Caderno 12 do segundo volume da obra *Lettere dal carcere* (no Brasil, conhecida como *Cartas do cárcere*), na qual Gramsci (2011) desenvolve detalhadamente o papel dos intelectuais na sociedade.

A pesquisadora e também bibliotecária Ana Amélia Lage Martins (2014, p. 181) defende que uma **mediação consistente** demanda ir além "da percepção cristalizada de mundo no cotidiano e difundida pelos sistemas ideológicos para uma visão crítica da realidade, que tenha em vista a indagação sobre os consensos e a elaboração do pensamento autônomo" de cada um dos participantes e/ou frequentadores da biblioteca.

Por isso, a mediação nesses espaços tem um caráter **diversificado** e, sobretudo, **inclusivo**. Os frequentadores das bibliotecas são leitores em diferentes estágios de formação – desde crianças em processo de alfabetização até idosos que encontram na leitura uma nova forma de conexão com o mundo e com sua própria experiência de vida. Especificamente as bibliotecas comunitárias, muitas vezes geridas por coletivos locais, têm um papel ainda mais específico na valorização das identidades culturais das comunidades onde estão inseridas. A escolha dos acervos e as atividades de mediação nesses locais precisam considerar a realidade e os interesses dos leitores, criando um ambiente em que a literatura dialogue diretamente com suas experiências de vida. Projetos como rodas de leitura, saraus literários e encontros intergeracionais são exemplos de práticas que fortalecem a relação dos leitores com os livros e com a própria comunidade.

Assim, as estratégias de mediação devem ser flexíveis e adaptáveis, respeitando os distintos perfis de leitores e promovendo experiências significativas. Dada a pluralidade de seu público, a mediação literária nessas bibliotecas também deve se articular a outros campos do conhecimento e da cultura. O diálogo entre Literatura, História, Ciências, Artes Visuais e Música, por exemplo, amplia as possibilidades de interpretação e aproxima a leitura do cotidiano dos leitores. A biblioteca, nesse contexto, se torna não apenas um espaço de acesso físico ao livro, mas um território de **pertencimento e construção de identidades**, no plural.

INDICAÇÕES DE EXPLORAÇÃO DA OBRA

Valentia é um romance histórico polifônico, com uma linguagem marcada pela multiplicidade de vozes e pela fluidez do tempo narrativo. Isso faz da obra uma leitura potente para diferentes contextos de mediação, tanto escolares quanto comunitários. Atravessando temas como memória, apagamento, violência de Estado, ancestralidade e resistência popular, o romance de Deborah Goldemberg convida os leitores a se aprofundarem na história do Brasil a partir das margens geográficas, sociais e simbólicas. Pode ser trabalhado em rodas de leitura, clubes do livro, oficinas, saraus, sequências didáticas e tertúlias, como desenvolvemos a seguir em algumas sugestões nas atividades e projetos deste caderno. Em contextos como oficinas de criação, por exemplo, a estrutura fragmentada da obra permite exercícios de escrita polifônica ou produção de monólogos, abrindo espaço para a leitura como prática artística e crítica – sempre com atenção à complexidade formal da obra e à escuta ativa das vozes silenciadas que ela restitui.

Em contexto escolar

No ambiente escolar, especialmente no Ensino Médio, *Valentia* pode ser uma base fecunda para práticas interdisciplinares, envolvendo componentes como Literatura, História, Geografia, Filosofia, Artes e Sociologia. Como romance histórico, oferece, nas aulas de História, a oportunidade de revisar criticamente a Cabanagem e, em Literatura, de explorar a polifonia e a ruptura com a linearidade narrativa como formas de questionar os silenciamentos da memória oficial. Junto da Filosofia, o romance permite discutir a formação do Estado brasileiro, as camadas de exclusão social e os conflitos entre projeto de nação e vozes populares. Em Geografia e Sociologia, pode-se investigar as territorialidades presentes na obra — rios, florestas, aldeias — e suas relações com a identidade, o pertencimento e a resistência. Em Artes, as ilustrações do livro podem ser ponto de partida para releituras simbólicas ou produção de zines temáticos.

Em contextos de bibliotecas públicas e comunitárias

Em bibliotecas públicas e comunitárias, o apagamento da história da Cabanagem pode ser dialogado com outras memórias silenciadas da comunidade: memórias de violência, de migração, de resistência cotidiana. Os jovens podem ser convidados a partilhar histórias de seus territórios, de suas famílias, criando pontes entre ficção e realidade. Leituras compartilhadas podem ser seguidas por rodas de conversa, oficinas de memória e produção de playlists (elaboramos algumas delas neste caderno). Outras possibilidades incluem a criação de mapas afetivos do território narrado, construção de murais temáticos com frases do livro ou montagem de pequenas cenas com trechos do romance. Em todos os casos, a mediação em bibliotecas deve valorizar a pluralidade dos leitores e o direito à expressão sensível de suas histórias.

☞ **Um olhar para a linguagem**: Alguns trechos de *Valentia* apresentam termos e cenas que podem causar desconforto, como o uso de "indiarada", a expressão "mulher disponível" em tom pejorativo, ou descrições de violência contra mulheres e de guerra em linguagem crua. Esses elementos pedem atenção do(a) educador(a) mediador(a) e não devem ser lidos fora de contexto: fazem parte da construção de personagens marcados por trauma, brutalidade e apagamento. É fundamental que a mediação contribua para que esses trechos sejam analisados criticamente, como parte da denúncia de uma história atravessada por opressões, e não como legitimação dessas violências.

MATERIAIS PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO

Para aprofundar a exploração da obra Valentia, *selecionamos materiais que fornecem suporte teórico e prático ao(à) educador(a) mediador(a), ampliando as possibilidades de mediação da leitura, da análise literária e das discussões sociais que permeiam a narrativa. Ao fim, você encontrará as referências utilizadas por nós neste caderno, e elas também são nossas sugestões.*

Livros

- **MOISÉS, Massaud.** *A análise literária*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *O estudo clássico de Massaud Moisés fornece uma base para entender os principais elementos da construção narrativa, como enredo, personagens e estrutura textual. Pode apoiar o seu trabalho como referência teórica no aprofundamento da análise da obra.*
- **SANTANA, Cibelle Alves Lima de; ROMA, Gisela Carolina Lacerda.** *O espaço do letramento literário*: desafios das práticas de leitura literária na sala de aula. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48073. Acesso em: 3 abr. 2025. *O texto discute desafios e estratégias para desenvolver o letramento literário no ambiente escolar, destacando a importância de promover a interpretação e a construção de sentidos por parte dos leitores.*
- **ZAPPONI, Mirian**. Estética da recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia. *Teoria literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2010. p. 183-194. *O texto aborda a Estética da Recepção, destacando o papel ativo do leitor na construção de sentido das obras literárias. Explora como o significado de um texto é influenciado pelo "horizonte de expectativas" dos leitores e sua historicidade.*

Pesquisas científicas

- **BARRIGA, Letícia Pereira.** *Entre leis e baionetas*: Independência e Cabanagem no médio Amazonas (1808-1840). 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/5806. Acesso em: 19 mai. 2025. *Na primeira metade do século XIX, o Grão-Pará enfrentou intensas crises políticas e revoluções, como a Independência e a Cabanagem, que transformaram suas estruturas políticas. Esses movimentos foram marcados por discursos diversos e projetos sociais plurais, revelando a heterogeneidade das ações políticas na região. Destaca-se a luta pela separação do Alto Amazonas e a criação da província do Rio Negro, apoiada tanto por elites quanto por camadas populares.*
- **RICCI, M.** Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo*, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30. 2007. https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002. Acesso em: 04 mai. 2025. *A Cabanagem foi uma revolução social de grande impacto na Amazônia, com ampla extensão territorial e alto custo humano. Embora frequentemente tratada como um movimento regional do período regencial, ela gerou um sentimento coletivo de identidade entre diferentes povos e culturas. O artigo analisa esse processo de construção identitária e sua complexidade histórica.*

Sites

- **BRASIL; GOUVEIA, Viviane.** Cabanagem: a revolução das "classes ínfimas". *Arquivo Nacional – Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos*, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/temas-oitocentistas/cabanagem-a-revolucao-das-201cclasses-infimas201d . Acesso em: 04 mai. 2025. *A página enfatiza a complexidade do movimento, que, embora frequentemente classificado como regional, teve implicações mais amplas ao desafiar as estruturas de poder estabelecidas e propor novas formas de organização social. Além disso, ressalta a importância de compreender a Cabanagem como uma expressão significativa das lutas sociais no Brasil oitocentista.*
- **HIGA, Carlos César.** Cabanagem. *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/cabanagem.htm. Acesso em: 30 abr. 2025. *O texto apresenta uma introdução clara e acessível à Revolta da Cabanagem (1835-1840), abordando suas causas sociais, econômicas e políticas, com destaque para a participação de indígenas, mestiços e camadas populares.*

Vídeos

- Gaya Filmes. *A Revolta dos Cabanos*. Episódio 1 [vídeo]. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_RGR4khsDY. Acesso em: 04 mai. 2025. *Uma minissérie documental da Gaya filmes que narra a história da Cabanagem, detalhando a rebelião que ocorreu no Grão-Pará entre 1835 e 1840. A minissérie destaca que os rebeldes, formados por negros, caboclos e indígenas, chegaram a ocupar o poder na região por um período de aproximadamente um ano. Os episódios 2 e 3 estão disponíveis no mesmo canal da plataforma, dando continuidade à narrativa iniciada no primeiro vídeo.*
- Lux Amazônia Filmes. *Batista Campos, o Cônego – Senderos da Cabanagem* [vídeo]. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S81bW7sTkwQ. Acesso em: 04 mai. 2025. *Este longa-metragem de ficção, realizado por um cineasta paraense, é uma produção que se inspira em fatos históricos para narrar a experiência do cônego Batista Campos no período anterior à Revolução Cabana. Realizado com o patrocínio da Prefeitura de Barcarena, é fruto do projeto Filma Pará e envolveu parceria entre poder público municipal, empresas e comunidade, destacando-se como uma produção cinematográfica genuinamente paraense.*



Divulgação

Cartaz do curta paraense* Cabana *(2022).

- Marahu Filmes. *Cabana*. Curta-metragem, 14 min. 2022. *Realizado através do Prêmio de Incentivo à Arte e à Cultura da Fundação Cultural do Pará em 2022, com investimentos próprios e apoios de empresas privadas, coprodução com a produtora paraense Marahu Filmes, o curta-metragem de quatorze minutos narra o encontro entre duas mulheres do movimento popular da Cabanagem.*

VALENTIA: SEUS LEITORES DE ENSINO MÉDIO E CORRELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR E EM BIBLIOTECAS

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), o Ensino Médio é a etapa da formação em que se deve consolidar o comportamento leitor, favorecendo projetos de leitura de maior fôlego, que permitam o amadurecimento da autonomia e da capacidade interpretativa. Em consonância, Milena Martins (2019, p. 15) aponta que "a experiência da leitura de textos extensos, de histórias que têm continuidade, precisa ser alimentada ao longo da formação leitora. A razão é elementar: na formação leitora, é imprescindível a experiência de leitura de uma variedade de gêneros". Nesse contexto, *Valentia* revela-se uma escolha particularmente adequada para essa etapa de escolarização, e se justifica tanto pela densidade de seu tema quanto pela riqueza de sua construção formal, que desafia o leitor a transitar por múltiplas vozes e tempos históricos. Em primeira instância, a extensão desse romance, embora não excessivamente longa, demanda constância e dedicação; contudo, lê-lo de forma planejada, com calendários flexíveis, encontros de mediação, espaços para retomadas e debates, permite que os estudantes desenvolvam estratégias próprias de leitura contínua, aprimorando a resistência interpretativa e o prazer da imersão.

Além do mais, nessa etapa, espera-se que os estudantes estejam alcançando um grau de maturidade sociopsicológica que lhes permita não apenas compreender textos mais densos, como também implicar-se afetivamente e criticamente nas narrativas. Com um repertório de mundo em expansão e maior capacidade reflexiva, o jovem leitor está mais preparado para estabelecer relações complexas entre a obra, a realidade e sua própria experiência subjetiva. É nesse contexto que *Valentia* se revela uma escolha extremamente adequada. Como romance histórico polifônico, a obra desafia o leitor a lidar com múltiplas vozes, temporalidades fragmentadas e silêncios que pedem interpretação ativa. A experiência de leitura, aqui, não se dá na linearidade confortável de uma história que conduz o leitor pela mão: ela exige esforço, escuta, reconstrução. Citando mais uma vez Cíntia Negrini (2020, p. 149), a leitura deve ser uma "atividade construtiva e empenhada", conectando-se ao que o estudante já sabe e ao que deseja saber para elaborar seu próprio entendimento do mundo. *Valentia* propõe exatamente essa experiência: convida o leitor a mergulhar em uma história de apagamentos e resistências, instigando-o a reconhecer que o passado ainda reverbera no presente.

Outro elemento que torna *Valentia* uma escolha potente para o Ensino Médio é sua capacidade de gerar implicação subjetiva. Os personagens do romance atravessam experiências de perda, exclusão e resistência que podem encontrar ressonância na vida dos estudantes. Ao lidar com temas como apagamento cultural, pertencimento territorial, ancestralidade e violência estrutural, a obra desafia os leitores a se posicionarem eticamente diante do mundo. E é justamente essa capacidade de implicação que se espera desenvolver no final da educação básica: formar sujeitos – quiçá cidadãos – que sejam capazes de pensar criticamente, de criar, de reinventar, de se responsabilizar por suas leituras e por suas ações. Nesse sentido, o Ensino Médio, entendido como o "cume da montanha" da formação escolar, é o momento de promover não apenas o domínio de conteúdos, mas a construção de recursos interiores: sensibilidade ética, abertura estética, autonomia de pensamento, capacidade de imaginação. Nesse sentido, dialogar com uma obra como *Valentia* é proporcionar aos estudantes o contato com um episódio histórico pouco conhecido e a oportunidade de se exercitarem como leitores-artistas, capazes de recriar, de refletir e de intervir no mundo a partir das narrativas que os constituem.

Por todas essas razões, *Valentia* representa mais do que uma boa escolha literária: representa um convite para que os estudantes se reconheçam como sujeitos da história e da cultura, capazes de escutar as vozes silenciadas e de projetar futuros mais plurais e justos.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A MEDIAÇÃO DE *VALENTIA*

As atividades didáticas são procedimentos que organizam o trabalho didático e pedagógico em uma situação de aprendizagem. Elas são, assim, uma ponte entre os alunos (ou leitores, nosso caso aqui) e um objeto de conhecimento (o livro literário, portanto). Como estamos falando de atividades para um contexto de **mediação de leitura literária** – que, por sua vez, é possivelmente o processo mais central na **formação de leitores literários** –, entendemos que a aprendizagem que pretendemos favorecer aos leitores é justamente o avanço em determinados domínios da leitura (Munita, 2024, p. 65-66), ou seja, sua **autonomia como leitor**.

Para embasar nossas propostas, recorremos ao estudo de Robert Probst, publicado em 1986 no *The English Journal*, um texto que, a despeito das quatro décadas de sua publicação, segue profundamente atual e sempre presente nas referências de grandes nomes da pesquisa em mediação. Em "Three relationships in the teaching of literature" (numa tradução literal, "Três relações no ensino de literatura"), Probst defende que o primeiro movimento para quem busca autonomia leitora é relacionar-se com o texto literário. Depois disso, relacionar-se com outros leitores acerca do texto literário e, por fim, relacionar o texto literário lido a outros textos literários.

Para apoiar sua atuação na mediação, apresentamos a seguir algumas sugestões de atividades. Porém, cara mediadora, caro mediador, é importante lembrar que essas são apenas possibilidades, que podem ser seguidas como estão ou adaptadas de acordo com a sua realidade. Além disso, há diversas outras formas de explorar a obra, que vão além das atividades e projetos aqui propostos.

Nesse sentido, nossas propostas de atividades – sejam elas para contexto escolar ou de biblioteca pública e comunitária – têm a seguinte **intencionalidade pedagógica**: na Atividade 1, sugerimos que o(a) mediador(a) conduza o leitor de maneira analítica a um aspecto marcante do texto literário, ou seja, ele deve mergulhar no texto literário, em especial na polifonia que caracteriza o gênero nesta obra; na Atividade 2, a proposta é que os leitores tenham condições de se conectar uns aos outros enquanto leitores que partilham a mesma obra, que é *Valentia*; na Atividade 3, por fim, apresentaremos outro texto do campo artístico-literário, que será lido tendo em perspectiva a leitura de *Valentia*.



Atividade 1 – O leitor e o texto

A polifonia

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.
- (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Identificar as regularidades e as peculiaridades estruturais e estilísticas em *Valentia*, em especial, a polifonia que faz parte desse romance histórico.
- Experimentar diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura, especificamente a partir do livro *Valentia*.
- Compartilhar sentidos construídos na leitura de textos literários, como *Valentia*.
- Respeitar diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e coletivas de apreensão do livro *Valentia*.
- Investigar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e composição do miniconto fantástico em *Valentia*.
- Investigar relações de interdiscursividade que permitam a identificação de posicionamentos ou de perspectivas em *Valentia*.

Competência geral: 3

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias: 3

Objetivo geral: Reconhecer o caráter polifônico da obra *Valentia* e identificar como a multiplicidade de vozes constrói novas formas de representar a memória histórica e a resistência cultural.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Para abrir a conversa, proponha uma reflexão com a turma:

* *Vocês acham que as histórias que conhecemos são construídas a partir dos relatos de uma só pessoa?*
* *O que vocês acham que significa dizer que uma história tem "muitas vozes"?*
* *O que pode mudar em uma narrativa se várias pessoas diferentes contarem a mesma história?*
* *Uma história contada por vários narradores é mais verdadeira, mais confusa ou mais rica? Por quê?*
* *Vocês já leram livros que apresentavam diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento?*

Mediador(a), é importante que você acolha todas as contribuições, certificando-se de que todos os estudantes se sintam ouvidos e valorizados. Essas perguntas abrem caminho para que os estudantes antecipem a ideia de polifonia e percebam como ela amplia a forma de olhar a história e a experiência humana.

Durante a leitura

Sugerimos iniciar a leitura coletiva de trechos selecionados de *Valentia*. Você pode conduzir a leitura de acordo com seu planejamento, fazendo-a em sala ou em casa. Para o caso de leitura em sala de aula, escolha capítulos que evidenciem a alternância de narradores e os contrastes entre diferentes perspectivas (por exemplo, capítulos narrados por Samaúma, por Valentina, por narradores anônimos ou comunitários). Durante a leitura, proponha questões de observação:

* *Quem está narrando este trecho?*
* *O que muda quando a história é contada por este narrador?*
* *Vocês percebem diferenças no estilo de fala, na maneira de ver o mundo ou nos sentimentos expressos?*
* *Existem contradições ou tensões entre as diferentes vozes narradoras? Como vocês interpretam isso?*
* *A multiplicidade de narradores aproxima ou distancia vocês da história?*

Nesse momento, para ampliar o assunto, você pode se pautar no conceito de polifonia narrativa – defendido aqui neste caderno no item ***Valentia: seu tema, sua forma e seu gênero*** – para discutirem sobre como a escolha pela polifonia é capaz de refletir o tema fragmentado da obra. É importante guiar a discussão para que os estudantes percebam que a polifonia não é apenas uma escolha formal, mas uma forma de representar a complexidade da história, da memória e das identidades em disputa.

Pós-leitura

Para finalizar, proponha uma roda de conversa em torno das perguntas:

* *Como a polifonia é capaz de ampliar os sentidos de Valentia?*
* *Por que ela é central na construção do romance?*

Estimule os estudantes a exemplificarem com trechos do livro, apontando diferentes visões sobre a Cabanagem, sobre os personagens e sobre a memória dos acontecimentos. Finalize mostrando que o romance polifônico, como *Valentia*, desafia o leitor a escutar, interpretar e compreender a história de forma mais crítica e aberta — um exercício que, além de literário, é também ético e cidadão.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Para a mediação de leitura de *Valentia* em bibliotecas públicas e comunitárias, sugerimos a você, mediador, mediadora, a organização de sessões de leitura focadas na diversidade de vozes e perspectivas que constroem a narrativa. Utilize as mesmas perguntas sugeridas para o contexto escolar para guiar o debate, pois elas são da ordem da análise literária, e busque fazer com que os participantes da sua mediação identifiquem como a multiplicidade de narradores desafia a ideia de uma história única. Para finalizar, proponha uma roda de conversa em torno da pergunta:

* *Por que a polifonia é central na construção de* Valentia*?*

Estimule os participantes a exemplificarem com trechos do livro, apontando diferentes visões sobre a Cabanagem, sobre os personagens e sobre a memória dos acontecimentos. Finalize mostrando que o romance polifônico, como *Valentia*, desafia o leitor a escutar, interpretar e compreender a história de forma mais crítica e aberta — um exercício que, além de literário, é também ético e cidadão.



Atividade 2 – O leitor e os outros leitores
A Cabanagem e o silêncio da história

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

- (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Identificar sentidos construídos na leitura/escuta de *Valentia*, especialmente no que diz respeito ao apagamento histórico da Revolta da Cabanagem.
- Identificar circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais a partir da leitura literária de *Valentia*.
- Compreender o papel da literatura como forma de resistência e preservação da memória.
- Compartilhar percepções e experiências pessoais diante de uma história silenciada.
- Investigar como *Valentia* transforma o silêncio em narrativa e como isso nos convida a refletir sobre outros silêncios presentes na sociedade.
- Valorizar a literatura como lugar de escuta, reconstrução e voz para memórias esquecidas.

Competências gerais: 3, 10

Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias: 3, 6

Competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 3

Objetivo geral: Investigar como *Valentia* propõe uma escuta literária para a Revolta da Cabanagem, apagada da história oficial, e como transforma esse silêncio em resistência e memória coletiva.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Você pode iniciar o momento de leitura com uma discussão coletiva, incentivando os estudantes a refletirem sobre a história. Para tal, proponha as seguintes perguntas:

* *Vocês acham que algumas partes da história do Brasil têm mais atenção que outras?*
* *Já ouviram falar na Revolta da Cabanagem? Será que essa revolta é tão lembrada quanto as outras?*
* *Quem decide o que vale a pena ser lembrado e o que pode ser esquecido?*
* *Vocês acham que é possível resistir ao esquecimento? Como?*

Convide a turma a refletir sobre o fato de que, muitas vezes, as histórias dos povos indígenas, dos negros e das populações do campo e das águas não são contadas nos livros de História, mesmo quando marcaram profundamente o país.

Durante a leitura

Agora, proponha a leitura de trechos selecionados de *Valentia* que evidenciem o apagamento histórico e a resistência dos personagens. Podem ser: o capítulo das páginas 15 a 23, que apresenta a memória do território e o vínculo com a ancestralidade indígena, elementos apagados pela história oficial; o capítulo das páginas 44 a 48, que traz o relato do massacre de indígenas e mestiços, que denuncia as violências esquecidas; ou o capítulo das páginas 61 a 71, que mostra o desenraizamento e a destruição das comunidades a partir da violência. Durante a leitura, peça que os estudantes observem:

* *Quem está narrando cada trecho?*
* *O que é mostrado nesses capítulos sobre a memória dos povos da floresta e das águas?*
* *Em que momentos a violência do esquecimento aparece mais claramente?*
* *Por que esses trechos mostram um apagamento da história?*

É importante guiar a discussão para que os estudantes percebam que o silenciamento não é apenas uma ausência de fala: é uma forma de violência que continua a repercutir no presente. O romance literário funciona como resistência ativa contra esse esquecimento. Aqui é uma excelente oportunidade para desenvolver a chave de leitura "A violência por trás do silenciamento", que tratamos anteriormente, mostrando que havia um intuito de calar essa revolta e que, ainda hoje, ao deixarmos de conhecê-la ou transmiti-la, contribuímos para a continuidade desse apagamento.

Pós-leitura

Para esta última etapa, você pode organizar uma roda de conversa com os estudantes sobre a importância da literatura para chamar a atenção da sociedade para histórias que foram silenciadas, e que isso é uma forma de resistência. Proponha a seguinte pergunta:

* **Como a literatura contribui para dar voz às histórias silenciadas?**

Convide os estudantes a refletirem sobre como *Valentia* recupera a memória da Cabanagem e transforma vozes silenciadas em vozes que ecoam, questionam e resistem. Mostre que ler literatura também é um gesto político: é escolher escutar quem quase não foi ouvido.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Para a mediação de leitura de *Valentia* em bibliotecas públicas e comunitárias, sugerimos organizar um encontro temático sobre memória e apagamento na história do Brasil. Elabore convites com antecedência e divulgue o evento em espaços estratégicos da comunidade. No dia do encontro, siga as sugestões da atividade escolar, adaptando o ritmo conforme o grupo. Após a leitura e discussão, proponha que os participantes se organizem em grupos para responderem:

* **Como a literatura contribui para dar voz às histórias silenciadas?**

Convide os participantes a refletirem sobre como *Valentia* recupera a memória da Cabanagem e transforma vozes silenciadas em vozes que ecoam, questionam e resistem. Mostre que ler literatura também é um gesto político: é escolher escutar quem quase não foi ouvido.



Atividade 3 – O leitor e os outros leitores
A Cabanagem e o silêncio da história

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.
- (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Identificar sentidos construídos na leitura/escuta de *Valentia*.
- Identificar diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão de *Valentia*.
- Identificar circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais a partir da leitura literária.
- Identificar relações interdiscursivas entre *Valentia* e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
- Investigar essas relações interdiscursivas.
- Investigar criticamente o significado histórico de eventos do passado.
- Comparar narrativas de agentes e discursos diferentes.

Competências gerais: 3, 10

Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias: 3, 6

Competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1

Objetivo geral: Comparar *Valentia* e *Os Sertões*, refletindo sobre como ambas as obras literárias denunciam apagamentos históricos e preservam a memória de povos marginalizados.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Proponha uma conversa inicial com a turma:

* *Vocês conhecem a Revolta da Cabanagem? E a Guerra de Canudos?*

* *Por que algumas revoltas populares não ganham tanto espaço nos livros de História?*
* *Vocês acham que a literatura pode ser uma forma de resistir ao esquecimento histórico?*
* *Como as histórias silenciadas podem ressurgir na arte?*

Essas perguntas ativam a reflexão crítica sobre a seleção das memórias históricas e preparam para a análise comparativa.

Durante a leitura

Agora, retome com a turma trechos de *Valentia* que possam aprofundar a discussão iniciada. Se ainda estiverem em processo de leitura, proponha a leitura de trechos específicos da obra. Caso os estudantes já tenham concluído a leitura integral do romance, também é possível organizá-los em grupo e pedir para revisitarem momentos da obra que consideraram relevantes, tendo um momento coletivo de recapitulação do que já leram anteriormente.

Em seguida, contextualize a obra que será colocada em diálogo: *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, disponível em Domínio Público. Você pode contar um pouco sobre a história do autor e explicar que o livro brasileiro narra outra revolta, a de Canudos, e denuncia o massacre de uma população nordestina por forças do Estado, retratando a brutal repressão sofrida por uma comunidade considerada "fora da ordem". É interessante ler trechos das três partes do livro: A terra; O homem; e A luta. O objetivo dessa etapa é fazer com que os estudantes enxerguem alguns paralelos entre ambas as obras, como a resistência do povo de Canudos e da violência exercida pelo Estado. Para tal, é possível organizar os estudantes em grupos e questionar:

* *Quais as principais violências relatadas em cada obra?*
* *Quem são os grupos silenciados ou exterminados?*
* *Como os autores (Deborah Goldemberg e Euclides da Cunha) constroem a denúncia das injustiças?*
* *Qual é o papel do narrador em cada obra?*

Se possível, incentive cada grupo a pesquisar brevemente o contexto histórico da Cabanagem e da Guerra de Canudos para enriquecer o debate.

Pós-leitura

Para esta última etapa, você pode manter os estudantes nos grupos da etapa anterior e pedir que discutam sobre as seguintes perguntas, que você pode projetar ou escrever na lousa:

* *O que Canudos e a Cabanagem têm em comum, apesar das diferenças geográficas e temporais?*
* *Como* Valentia *e* Os Sertões *mostram a violência de Estado contra populações marginalizadas?*
* *Que saberes são mobilizados para contar essas histórias? Por que isso é importante?*
* *Como essas obras nos ajudam a entender que a luta por memória e reconhecimento ainda é atual?*

Em seguida, convide os grupos a compartilharem o que discutiram entre si com o restante da turma.

Ao finalizar essa atividade, você pode abrir espaço para uma escuta sensível sobre os aspectos mais difíceis das obras, como a violência, a brutalidade e as relações marcadas pela guerra. *Valentia* não suaviza essas experiências, assim como *Os Sertões* retrata a desumanização em Canudos. Perguntas como *que humanidade resiste após tanta violência?* ou *como o desejo sobrevive em tempos de destruição?* podem ajudar a revelar camadas mais profundas e fraturadas da narrativa, e também da escuta dos estudantes.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Para a mediação de leitura de *Valentia* e *Os Sertões* em bibliotecas públicas e comunitárias, sugerimos organizar um encontro temático sobre "memórias silenciadas e resistência popular". É interessante divulgar o encontro com antecedência por meio de cartazes e redes sociais. No dia do evento, siga a proposta apresentada para o contexto escolar, adaptando o ritmo conforme o público. Após a leitura e discussão, organize pequenos grupos para que reflitam a partir de algumas perguntas disparadoras:

* *O que Canudos e a Cabanagem têm em comum, apesar das diferenças geográficas e temporais?*
* *Como* Valentia *e* Os Sertões *mostram a violência de Estado contra populações marginalizadas?*
* *Que saberes são mobilizados para contar essas histórias? Por que isso é importante?*
* *Como essas obras nos ajudam a entender que a luta por memória e reconhecimento ainda é atual?*

Ao final, você pode convidar os grupos a compartilharem o que discutiram com os demais participantes.

PROJETOS DE LEITURA: PROPOSTAS PARA EXPLORAR ESTA OBRA LITERÁRIA

Projetos didáticos são ações organizadas e organizadoras do tempo e dos assuntos e temas que envolvem uma situação-problema. Seu objetivo é, assim, articular propósitos didáticos (o que se deve aprender) e propósitos sociais (como esse projeto impactará a comunidade), oferecendo mais sentido às práticas de aprendizagem, escolarizadas ou não. É importante também que você saiba, prezada mediadora, prezado mediador, que a demanda de um projeto geralmente parte de seu público, que se torna corresponsável pelo processo e pela aprendizagem.

Considerando isso, a seguir, sugerimos a estrutura de dois projetos que podem ser aplicados tanto na escola quanto na biblioteca pública ou comunitária. Contudo, é fundamental que você avalie a pertinência de cada um deles a seu contexto e, se for o caso, faça as adaptações cabíveis, para que todos possam ter uma experiência orgânica, rica e significativa. No ambiente escolar, os projetos costumam surgir a partir das vivências, curiosidades e demandas da turma, cabendo ao(à) educador(a) mediador(a) acompanhar e orientar esse processo. Além disso, seja no ambiente escolar ou em espaços comunitários, o cronograma para as etapas descritas deve ser elaborado pelo(a) mediador(a), que é quem conhece a realidade local e pode ajustar a proposta conforme as necessidades do grupo.

Projeto 1: Onde houve silêncio

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.
- (EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).
- (EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Objetivos de aprendizagem sugeridos

- Comparar sentidos construídos na leitura/escuta de livros literários.
- Identificar diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos.
- Investigar *Valentia* com base em ferramentas da crítica literária ou outros critérios, tendo em vista o contexto de produção e o modo como dialogam com o presente.
- Elaborar obra autoral como forma de dialogar com *Valentia* e as questões propostas a partir do livro.

Competência geral: 3

Competências específicas de Língua Portuguesa: 1, 3, 4 e 6

Objetivo geral: Elaborar uma feira da memória composta por textos, imagens e produções autorais de gêneros diversos que reconstituem a memória da Cabanagem a partir da leitura de *Valentia* e de outras fontes, promovendo o reconhecimento desse levante como parte da história brasileira e como símbolo da resistência das populações do campo, das águas e das florestas.

Justificativa: A Cabanagem foi uma das mais expressivas revoluções populares da história brasileira, com um número de mortos estimado entre 30 e 40 mil pessoas, o que equivalia a cerca de um terço da população do Grão-Pará à época. Apesar de sua magnitude, ela foi silenciada por muito tempo nas narrativas oficiais. Nesse sentido, *Valentia* revisita essa história pela ficção e "aumenta o volume" das vozes apagadas nos livros de História. O projeto busca, portanto, fortalecer essa memória insurgente e coletiva, para que a escola se torne um espaço de escuta e afirmação da identidade amazônica.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Mediadora, mediador, sugerimos iniciar o projeto com você propondo uma leitura (ou releitura) compartilhada do livro *Valentia*. Para sua escolha, é possível priorizar trechos que falam sobre transmissão de memória, como o capítulo das páginas 44 a 48. Ao longo da leitura, é recomendável fazer pausas estratégicas para esclarecer dúvidas e promover uma discussão orientada, ajudando na compreensão do texto e na troca de ideias entre o grupo. É possível questionar:

* *Alguém aqui já ouviu falar da Cabanagem?*
* *Por que será que um episódio tão importante foi tão pouco falado na escola?*
* *Como vocês acham que a gente pode "lembrar o que foi esquecido"?*
* *Vocês acham importante nos lembrarmos da história? Por quê?*
* *Será que o estudo de temas do passado é capaz de nos ajudar a entender as permanências no presente?*

Sugerimos que você traga enfoque para os trechos que selecionou, perguntando sua importância e pedindo por voluntários para o explicarem. É importante mediar a discussão de forma a mostrar a intencionalidade por trás do silenciamento da Cabanagem, e como era conveniente na época que os acontecimentos não entrassem para os livros de História. Explique que o desafio de vocês será ir além das formas tradicionais da história, buscando compreender o conflito como um todo, valorizando todas as vozes envolvidas nele, assim como *Valentia* faz.

Para tal, após a leitura e discussão, você pode organizar os estudantes em grupos e explicar que cada um ficará responsável por investigar uma das dimensões da Cabanagem. Sugerimos:

- Grupo 1: Quem foram os cabanos?
- Grupo 2: Onde aconteceu?
- Grupo 3: O que foi silenciado?
- Grupo 4: Por que foi silenciado?
- Grupo 5: Como lembrar?

Para isso, os estudantes poderão utilizar como base tanto o romance *Valentia* quanto excertos da tese *O quadrilátero cabano e as cabanagens nos sertões da Amazônia* (Barriga, 2023), sugerida nas referências, e outras fontes confiáveis disponíveis na escola ou online, podendo até mesmo mobilizar o acervo da escola. Também é interessante convidar um professor, pesquisador ou historiador para trazer luz ao conteúdo. Incentive que busquem compreender, por exemplo, o papel central dos povos indígenas na revolta. A partir da pesquisa, oriente cada grupo a produzir um conteúdo que reative a memória da Cabanagem em linguagem acessível para a comunidade. Os grupos podem se organizar entre diferentes formatos de conteúdo, podendo elaborar infográficos, videoaulas, músicas, cartazes, trechos encenados, entre outros. Quanto maior a variedade de formatos, maior será o alcance de público aos conteúdos produzidos. É importante que, junto à exposição da história da Cabanagem, os conteúdos também abordem a tentativa de silenciar essa narrativa e reflitam por que é importante que as gerações futuras conheçam esse episódio tão significativo da história brasileira. A chave de leitura "A violência por trás do silenciamento", comentada neste caderno, pode auxiliar com essas questões. Retomando o título, espera-se que esse projeto leve esclarecimento a um lugar onde antes houve silêncio.

Após a produção de todos esses conteúdos, a culminância será uma feira da memória, aberta à comunidade, na qual cada grupo apresentará seu eixo de investigação e produção. A ideia central é utilizar o livro como ponto de partida para refletir sobre a importância de resgatar e preservar as narrativas que compõem a história brasileira, de modo que os horrores não se repitam. A avaliação será processual e formativa, levando em conta o envolvimento dos estudantes, a profundidade das pesquisas realizadas, a sensibilidade das escutas e a criatividade nas produções.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Mediadora, mediador, em contexto de mediação da leitura de *Valentia* em bibliotecas públicas e comunitárias, sugerimos que você siga as sugestões de leitura e mediação apresentadas anteriormente.

Após o momento de leitura, explique aos participantes que o silenciamento da Cabanagem foi uma ação política para apagar a resistência popular. Explique que o projeto propõe ir além do silêncio: reconstruir a memória da Cabanagem, como faz *Valentia*. Para isso, proponha aos participantes ao menos algumas das questões acima e disponibilize materiais escritos, sobretudo do acervo, para que façam suas pesquisas. Cada grupo deverá pesquisar e, então, produzir materiais em linguagem acessível — como cartazes, vídeos, infográficos ou encenações. Os materiais devem destacar a história da Cabanagem e a importância de manter sua memória viva a partir de obras como *Valentia*. A exposição final, feita na biblioteca e aberta à comunidade, poderá ser chamada de "Onde (h)ouve silêncio" e reunirá os materiais produzidos, além de trechos de *Valentia*.

Projeto 2: Criação de playlists temáticas

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

- (EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.
- (EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, vlogs e podcasts literários e artísticos, playlists comentadas, fanzines, e-zines etc.).

Objetivos de aprendizagem sugeridos

- Comparar sentidos construídos na leitura/escuta de livros literários, em especial, *Valentia*.
- Reconhecer as peculiaridades estruturais e específicas de *Valentia*.
- Identificar diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão de *Valentia*.
- Investigar *Valentia* com base em ferramentas da crítica literária ou outros critérios, tendo em vista o contexto de produção e o modo que dialogam com o presente.
- Elaborar playlists temáticas comentadas a partir da leitura e escuta crítica de textos.

Competência geral: 3, 9

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 6

Objetivo geral: Elaborar playlists temáticas a partir da leitura de *Valentia*, relacionando a leitura à conexão com a música e à interpretação crítica de expressão de sentidos pessoais.

Justificativa: Muitos adolescentes constroem muito de sua identidade por meio da música. Conectar leitura literária com algo que já faz parte do cotidiano torna a mediação mais próxima, afetiva e significativa. Mais do que incentivar a leitura, essa proposta valoriza as vozes, gostos e modos próprios de interpretar o mundo de cada participante. O projeto promove a escuta mútua, a empatia e o reconhecimento da diversidade de repertórios culturais. Além disso, estimula a criatividade ao permitir que os estudantes expressem suas leituras através de um formato multimodal – a playlist –, usando tanto recursos digitais quanto suportes físicos.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Para iniciar o projeto, você pode organizar uma leitura compartilhada de trechos curtos do livro *Valentia*. Recomendamos passagens que envolvam memórias de Samaúma, cenas de opressão e resistência (como as da Praia da Revolta) ou trechos poéticos que marcam a relação entre natureza, memória e identidade – como nas páginas 100 e 101, em que a correnteza desafia o capitão, a areia firma o passo e a lua cheia prende sem enfeitiçar. Após a leitura, proponha perguntas disparadoras:

- *Que músicas vêm à sua cabeça ao ler esse trecho?*
- *Essa história lembra alguma luta do presente?*
- *Se essa parte virasse um filme, qual seria a trilha sonora?*

Depois da conversa, os estudantes devem montar playlists com 5 a 10 músicas, criando um título, uma "capa" ilustrativa (feita à mão ou digitalmente) e justificativas breves para cada faixa. As playlists podem ser feitas em plataformas digitais (com QR Codes) ou em cartazes físicos. No momento de apresentar, cada grupo compartilha sua playlist e explica como ela traduz os sentidos da leitura. Essa etapa promove escuta, empatia e troca de repertórios culturais.

Como culminância, a escola pode organizar uma exposição com as playlists, acompanhadas dos trechos do livro que as inspiraram. O material pode ser impresso em murais ou compartilhado pelas redes sociais da escola. É importante que entendam que esse projeto é especialmente relevante para a obra *Valentia*, porque parte de uma escuta ativa da memória, da ancestralidade e da resistência, os três pilares que sustentam a narrativa. O livro é tecido por múltiplas vozes e temporalidades que se cruzam como cantos de lembrança e luta. Transformar essa leitura em playlists comentadas é, portanto, uma forma de prolongar e reencantar essas vozes no presente, aproximando a literatura do repertório afetivo e político dos adolescentes. Assim como as músicas refletem sua visão de mundo, trazê-las para a obra também pode ampliar a visão que têm dela.

A avaliação será feita ao longo do processo, considerando o envolvimento nas leituras, nas conversas, nas criações musicais e na escuta do grupo.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Mediadora, mediador de biblioteca pública e comunitária, você pode organizar rodas de leitura a partir de trechos do livro *Valentia*. Nossa sugestão é escolher passagens que envolvam memórias de Samaúma, cenas de opressão e resistência (como as da Praia da Revolta) ou trechos poéticos que marcam a relação entre natureza, memória e identidade. Após a leitura em grupo, promova uma escuta sensível, incentivando que cada participante diga com qual música aquele trecho poderia dialogar. Na sequência, em pequenos grupos ou sozinhos, os participantes podem montar playlists temáticas, acompanhadas de breves justificativas para cada escolha. Também podem criar um nome e uma capa, inclusive com ilustrações, para suas trilhas sonoras.

Para a culminância, promova uma escuta coletiva: em forma de sarau-sonoro, cada participante ou grupo toca ou lê sua playlist e comenta suas escolhas. As playlists podem ser expostas na biblioteca, em murais físicos, ou divulgadas nas redes sociais da biblioteca ou da comunidade.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A bibliografia a seguir foi utilizada na produção deste caderno sobre a obra Valentia. *Assim como os materiais complementares, essas referências também são sugestões para ampliar as possibilidades de mediação da leitura, da análise literária e das discussões sociais que permeiam a obra.*

BARRIGA, Letícia Pereira. *O quadrilátero cabano e as cabanagens nos sertões da Amazônia*: guerra, índios, rios e matas (1790-1841). 2023. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/16211. Acesso em: 19 mai. 2025. *Nesta tese, Barriga reposiciona o protagonismo indígena dentro da Cabanagem, enfocando os povos Mura, Mawé e Munduruku como sujeitos estratégicos da guerra nos sertões amazônicos. Por meio da etno-história, a autora reconstrói uma geopolítica indígena do conflito, desafiando as narrativas que marginalizam a agência desses povos nos processos históricos do século XIX.*

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília, 2018. Disponível em: http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 30 abr. 2025. *Documento que define as aprendizagens essenciais da Educação Básica, promovendo equidade e desenvolvimento integral dos estudantes.*

CASTRILLÓN, Silvia. *Biblioteca na escola*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024. *A obra organiza e atualiza importantes palestras e conferências da autora nos últimos vinte anos sobre o tema.*

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. *O livro de Sérgio Roberto Costa é um dicionário dos gêneros textuais, que explica a origem e as características de diversos gêneros literários, entre eles, a novela.*

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016. *Este livro reúne textos breves e poéticos que, em contexto escolar, podem inspirar reflexões sobre memória, afeto, política e humanidade.*

GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere* (edição italiana, ebook). Itália: Edizioni Delirium, 2011. Cartas do cárcere *(tradução livre) é um testemunho da resistência intelectual e emocional de Gramsci diante da repressão e do isolamento. Além de ter uma grande carga simbólica — a obra representa o poder da palavra como forma de resistência contra a opressão —,* Cartas do cárcere *mostra um Gramsci vulnerável, mas firme em seus princípios.*

LUCENA, Sarah. Identidade/Identidades brasileiras: novo romance histórico e a escrita da resistência em *Valentia* de Deborah Goldemberg. *Spanish and Portuguese Review*, Georgia, v. 4, p. 61-72, 2018. *O artigo de Lucena analisa o romance* Valentia, *de Deborah Goldemberg, como um exemplo expressivo do novo romance histórico brasileiro. A autora destaca a escrita de resistência presente na obra, que revisita a Revolta da Cabanagem para discutir identidade nacional, memória e pluralidade de vozes, em um gesto literário que questiona a historiografia oficial e incorpora sujeitos silenciados.*

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 19, n. spe., out./dez. 2014. *O artigo apresenta e discute os diferentes empregos do conceito mediação, enfocando a Ciência da Informação e a Biblioteconomia brasileira, tendo em vista apontar uma perspectiva, com ênfase na dialética, para se pensar a mediação no âmbito das bibliotecas públicas.*

MARTINS, Milena Ribeiro. Três questões sobre formação de leitores: bibliotecas escolares, prática de leitura e fragmentação. *Revista de Letras Juçara*, [S.I], v. 3, n. 2, p. 6-17, dez. 2019. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2049. Acesso em: 3 abr. 2025. *O artigo analisa desafios e estratégias para a formação de leitores, abordando o papel das bibliotecas escolares, as práticas de leitura e os impactos da fragmentação textual na contemporaneidade.*

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a) — mediação e formação de leitores.* São Paulo: Solisluna, 2024. *A obra de Munita, renomado pesquisador sobre mediação de leitura, apresenta conceitos fundamentais sobre o tema, além de apresentar e debater práticas de sucesso no campo.*

NEGRINI, Cintia Maria. *A pós-leitura como estratégia de compreensão de texto*: um estudo pedagógico-didático. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, 2020. *A autora investiga como atividades de pós-leitura contribuem para o desenvolvimento da compreensão leitora. Ela defende que ler é um processo interativo entre leitor, texto e contexto, sendo necessário que o professor mediador proponha estratégias específicas antes, durante e depois da leitura.*

PROBST, Robert E. Three relationships in the teaching of literature. *The English Journal*, v. 75, n. 1, p. 60-68, 1986. Disponível em: https://doi.org/10.2307/816550. Acesso em: 20 fev. 2025. *Neste artigo, Probst discute três relações fundamentais no ensino da literatura: a relação entre o leitor e o texto, entre o leitor e outros leitores e entre o leitor e o mundo. A obra é relevante para educadores e pesquisadores interessados em metodologias que valorizam a experiência do leitor na interpretação literária.*